

Sala de aula interativa

Interactive classroom

Resenha: SALA DE AULA INTERATIVA

SILVA, Marco. São Paulo/SP: Edições Loyola, 2010, 272 p.

Simone Ferreira Conforto

Doutoranda na Universidade Americana-PY. Mestre em Educação (UNESA). Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (1984). Graduação em Fonoaudiologia pela Universidade Estácio de Sá (1991)

E-mail: siconforti@ines.gov.br

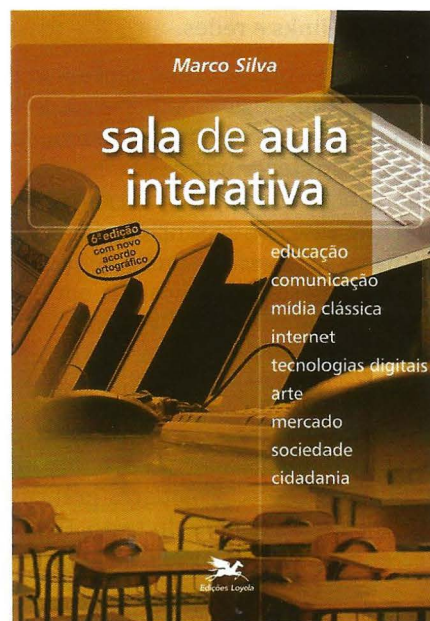
Material recebido em 10 de outubro de 2012 e selecionado em 07 de novembro de 2012

Marco Silva, neste livro fantástico e futurista, nos traz uma tremenda reflexão, desde a chamada “Terceira Revolução Industrial”, em meados da década de 1970, caracterizada por uma “Revolução da Informática” e a emergência de “novos materiais”, entre os quais as fibras óticas e os materiais sintéticos (VELOSO, 1989), que o mundo tem passado por uma série de transformações históricas com consequências diretas para o modo de se pensar, sentir e agir, e que por sua vez, tendem a provocar outras tantas transformações no âmbito da própria história. Foi assim que ocorrerá um aumento no volume e no fluxo da troca de informações e de relações econômicas, sociais e interpessoais numa intensidade inédita na história.

A mudança foi de tal dimensão que se passou a falar de uma nova sociedade da informática (SCHAFF, 1990), caracterizada pela introdução da informática de modo a não se poder pensar esta sociedade sem aquela. Particularmente no âmbito desta chamada “Revolução da Informática”, o que se observa é a emergência de uma nova forma de se comunicar, caracterizada pela interatividade e a cibercultura.

Com efeito, desde o final do século XX há uma transferência da modalidade comunicacional massiva, baseado no paradigma da emissão separada da recepção, para a modalidade interativa, baseada no paradigma da interação entre emissão e recepção. (SILVA, 2002: 9).

Conforme observou o mesmo: “As novas tecnologias interativas renovam a relação do usuário com a imagem, com o texto, com o conhecimento. É de fato um novo modo de produção do espaço visual e temporal mediado. Elas permitem o redimensionamento da mensagem, da emissão e da recepção”. (SILVA).



A partir das mudanças das revoluções industriais e de consumo, surge a interatividade, pela mudança do modelo comunicacional monológico e emissor para o desenvolvimento técnico no campo da informática, permitindo o processamento da informação e comunicação: surge o hipertexto, o processamento multitextual do computador, selecionando e tratando as informações trazendo interconexões múltiplas.

O que é isto?

Um novo contexto interativo aparece, democratizando a relação do indivíduo com as informações que

partem do consumidor passivo para o sujeito participativo e criativo.

Por exemplo, a televisão é monológica e o controle remoto permite que o consumidor construa a própria programação, o vídeo game, permite ao consumidor, manipular as imagens e o computador, o hipertexto, permitem ao usuário interferir, modificar e mais ainda, produzir e compartilhar. O hipertexto, nova forma de escrita e de comunicação da sociedade informático-mediática, é também uma espécie de metáfora que vale para as outras dimensões da realidade. Interessa-me estudá-lo nessa perspectiva, e aí está uma de suas conexões com o campo educacional. A internalização da estrutura do hipertexto como mediação para a produção de conhecimento implica novas formas de ler, escrever, pensar e aprender. Como afirmam Landow e Delany (1991), a hipertextualidade não é um mero produto da tecnologia, e sim um modelo relacionado com as formas de produzir e de organizar o conhecimento, substituindo sistemas conceituais fundados nas ideias de margem, hierarquia, linearidade, por outros de multilinearidade, nós, links e redes.

O que é um hipertexto? Como o próprio nome diz, é algo que está numa posição superior à do texto, que vai além do texto. Dentro do hipertexto existem vários links, que permitem tecer o caminho para outras janelas, conectando algumas expressões com novos textos, fazendo com que estes se distanciem da linearidade da página e se pareçam mais com uma rede. Na Internet, cada site é um hipertexto - clicando em certas palavras vamos para novos trechos, e vamos construindo, nós mesmos, uma espécie de texto. Na definição de Jay Bolter (1991): "as partes de um hipertexto podem ser agrupadas e reagrupadas pelo leitor".

Cada uma das páginas da rede é construída por vários autores: designers, projetistas gráficos, programadores, autores do conteúdo do texto. Cada percurso textual é tecido de maneira original e única pelo leitor cibernético. Não existe, portanto, um único autor: seria mais adequado falar de um sujeito coletivo, uma reunião e interação de consciências que produzem conhecimento e navegam juntas.

O hipertexto como subversão da escola linear, traz também, os novos espectadores ou seja, a juventude digital, que vive uma mutação perceptiva através da colagem de fragmentos, numa destreza e velocidade gestáltica, numa estética da saturação, num máximo de concentração e de informação num mínimo espaço de tempo, o hipertexto, é uma gramática dos meios áudio-visuais.

Portanto, na perspectiva do pensamento complexo, trabalha com um número extremamente elevado de interações, interferências, que se dão, entre as unidades do sistema, considerado também, as incertezas, ambi-

guidades e interferências de fatores aleatórios e o papel do caos.

Pois bem, há uma revolução na comunicação que na verdade possui raízes culturais. Dessa maneira, misturando imagens e sons em novas formas culturais, substituindo as narrativas lineares por um tipo de argumentação conceitual, surgindo um novo paradigma, uma nova forma de produzir conhecimento.

Uma forma onde a colagem é vista como positiva, como uma forma de discurso, particularmente capaz de enriquecer as redes sociais e as humanidades de uma forma geral:

É ainda, Marco Silva que afirma "Penso em fazer da sala de aula um lugar privilegiado para a formação do sujeito cada vez mais imerso na subjetividade de suas escolhas e navegações. Um lugar privilegiado porque pode cuidar de colocar o "faça você mesmo" em confrontação coletiva para a construção do conhecimento. A interatividade em seu fundamento pode potencializar essa confrontação. Pode criar o ambiente comunicacional capaz de acolher o "novo espectador", o "homem aleatório", e prepará-lo para lidar com a referência coletiva. Nesse ambiente, o professor não mais se limita ao falar ditar e se apresenta como propositor da participação livre e plural, provocador do diálogo que disponibiliza e articula múltiplas informações".

Assim que o novo espectador e o novo professor surgem trazendo um contexto interativo não podem mais usar lousa e giz, mas devem interagir na sala de aula e criar um tipo de interação e construção de um pensamento complexo.

O que muda na alfabetização, no letramento, nos processos educacionais de internalização das formas comunicacionais nesta cultura digital? Parece-me que as rupturas são tão radicais que exigirão um repensar de alguns dos elementos básicos da escola. Citarei apenas alguns deles.

Em primeiro lugar, deveremos rever nossos referenciais teóricos. Piaget, Vygotsky, Ferreiro iluminaram a reconstrução dos métodos e processos de alfabetização na escola visando garantir ao aluno um papel mais ativo. Graças a eles e outros tantos, pudemos saber um pouco mais sobre como o aluno pensa e como constrói o conhecimento. Hoje, mudando as formas de construção do saber, teremos que voltar a pensar esses pressupostos. Podemos ainda considerar os mesmos estágios mentais do construtivismo com crianças que têm acesso ao computador antes de se alfabetizarem?

Se Vygotsky nos fez perceber o caráter dialético de construção da mente, na interação com o meio através da linguagem, de que forma sua obra deve ser relida hoje, quando os signos se multiplicam e um novo

mundo, virtual, reproduz as tensões e os conflitos linguísticos do mundo real? Partindo do princípio de que cada método pedagógico revela uma concepção do ser humano e uma compreensão sobre o modo como se aprende, parece-me que são necessárias novas pesquisas para verificar quem é o sujeito da educação hoje. Para começar, já sabemos que é alguém que interage com uma máquina, um dispositivo mediador a partir do qual (re)conhece o mundo.

Além disso, deveremos rever nossos currículos. A linearidade dará lugar ao hipertextual, ao móvel e flexível. A escola estruturalista dos saberes prontos, definidos, acabados e descontextualizados será desestabilizada pelo descentramento, pela contínua produção e negociação de sentidos e de novos discursos, pelas construções abertas e as paisagens inusitadas. Os conteúdos deixarão de se percorrer como páginas de um livro, para se tornarem janelas de um hipertexto, em múltiplas dimensões que se interconectam e interpenetram. As janelas abertas deixarão entrar luzes imprevistas.

Um terceiro ponto: as relações de poder que surgem na escola a partir dos instrumentos tecnológicos são totalmente novas. Pela primeira vez na história, a tecnologia da dominação é mais conhecida pelo “dominado”. Em outros termos: até hoje o professor trazia o saber, a norma culta, a escrita “correta”, para os não-letrados, reproduzindo no contexto escolar (por mais que houvesse cuidado e respeito pelo aluno) as situações de imposição linguística vividas pelas culturas orais. Hoje, ocorre um paradoxo: aquele a ser educado é o que melhor domina os instrumentos simbólicos do poder, o aparato de maior prestígio: as tecnologias. O que ocorrerá na sala de aula? Parece-me que as parcerias e a aprendizagem em conjunto serão inevitáveis.

O quarto ponto é a necessidade de reinventarmos a nossa profissão. Usando a linguagem dos PCNs, vejo o papel do professor decisivo nos três eixos de conteúdos

curriculares: nos conteúdos conceituais, como arquiteto cognitivo, responsável por traçar as estratégias e definir os métodos mais adequados para que o aluno chegue a uma construção ativa do conhecimento; nos conteúdos procedimentais, como dinamizador de grupos, ao ajudar os estudantes a descobrirem as formas pelas quais se chega ao saber, os processos mais eficazes e o diálogo possível entre as disciplinas, gerenciando uma sala de aula na qual os estudantes, com suas diversas competências, dialogam com respeito entre si e estabelecem parcerias produtivas; e nos conteúdos atitudinais, como educador, comprometendo-se com o desafio de estimular a consciência crítica para que todos os recursos desse novo mundo sejam utilizados a serviço da construção uma humanidade também nova, com base nos critérios de justiça social e respeito à dignidade humana. (RAMAL, 2000).

Finalmente, creio que devemos pensar o que significa construir uma pedagogia intercultural. O prefixo *inter* indica ênfase nas trocas, nas conexões, no diálogo. Lopes (1998) distingue o intercultural do multicultural que, para ele, é um termo estático, “que pode, na realidade cotidiana, traduzir-se pela simples justaposição de culturas múltiplas, esta a novidade, o novo e o interativo presente no futuro e nas novas salas de aula interativas.

Vem do iluminismo a crença na escola como lugar destinado a formar cidadãos esclarecidos, senhores do seu próprio destino. Entretanto a sala de aula convive tradicionalmente com um impedimento de base ao seu propósito primordial de educar para a cidadania. Ela não contempla a participação do aluno na construção do conhecimento e da própria comunicação. O grande discurso moderno centrado na educação escolar sempre conviveu com esse impedimento: o peso de uma tradição bem formulada por Pierre-Lévy quando diz “a escola é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar-ditar do mestre”.